

A
Invasão
de
Tearling

Erika Johansen

Tradução
Regiane Winarski



Copyright © 2015 by Erika Johansen

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Invasion of the Tearling

Capa

Thiago de Barros

Mapa

Nick Springer Cartographics, LLC

Preparação

Carolina Vaz

Revisão

Valquíria Della Pozza

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Johansen, Erika

A invasão de Tearling / Erika Johansen; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2017.

Título original: The Invasion of the Tearling.

ISBN 978-85-5651-047-1

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana
1. Título.

17-06574

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia: Literatura norte-americana 813.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

LIVRO I

Hall

A Segunda Invasão Mort tinha tudo para ser um verdadeiro massacre. De um lado estava o superior exército mort, de posse das melhores armas disponíveis no Novo Mundo e comandado por um homem que não hesitava por nada. Do outro estava o exército tear, com uma fração do tamanho e portando armas forjadas com ferro barato que quebrariam com o impacto de bom aço. As chances não eram ruins, e sim catastróficas. A ruína de Tearling era iminente.

— *O Tearling como nação militar*, CALLOW, O MÁRTIR

O alvorecer chegou rapidamente à fronteira mort. Em um minuto, não havia nada além de uma linha azul indistinta no horizonte e, no minuto seguinte, raios claros vindos do leste se projetavam sobre Mortmesne, tomado o céu. O reflexo luminoso se espalhou pelo lago Karczmar até a superfície não ser nada além de um lençol ardente de fogo, efeito quebrado apenas quando uma brisa leve chegava às margens e a superfície lisa se partia em ondas.

A fronteira mort era traiçoeira naquela região. Ninguém sabia precisamente onde ficava a linha divisória. Os mort afirmavam que o lago ficava no território deles, enquanto os tear faziam sua reivindicação pela água, pois Martin Karczmar, um notório explorador tear, foi quem descobriu o lago. Karczmar tinha sido sepultado havia quase três séculos, mas o Tearling nunca abandonou sua frágil reivindicação pelo lago. A água em si era de pouco valor, cheia de peixes predatórios que não serviam para comer, mas o lago era um ponto importante, o único ponto geográfico concreto na fronteira por quilômetros, ao norte e ao sul. Os dois reinos sempre ansiaram por estabelecer propriedade definitiva. Em determinado período, muito tempo antes, houve conversas sobre negociar um tratado específico, mas não deram em nada. As margens leste e sul do lago eram planícies de sal, o terreno se alternando entre sedimento e pântano. A planície

seguia para o leste por quilômetros, até chegar a uma floresta de pinheiros mortos. Mas no lado oeste do lago Karczmar, a planície de sal seguia por poucas centenas de metros até chegar abruptamente às Colinas da Fronteira, penhascos íngremes cobertos de uma densa floresta de pinheiros. As árvores cobriam as colinas, se estendendo pelo território Tearling e seguindo até a planície Almont, ao norte.

Embora as encostas íngremes na face leste das Colinas da Fronteira fossem tomadas por floresta desabitada, os cumes e as encostas na face oeste eram pontilhados de pequenas aldeias tear. Essas aldeias faziam pequenos saques em Almont, mas basicamente criavam animais — ovelhas e cabras — e negociavam lã, leite e carne, fazendo trocas primárias umas com as outras. De tempos em tempos, uniam seus recursos e enviavam uma remessa protegida por vários homens para Nova Londres, onde as mercadorias, particularmente a lã, alcançavam um preço bem maior, e o pagamento não era em permuta, mas em moedas. As aldeias se espalhavam pelas colinas: Woodend, Idyllwild, Devin's Slope, Griffen... Presas fáceis, os habitantes armados apenas com pedaços de madeira e nada dispostos a deixar seus animais para trás.

O coronel Hall se perguntou como era possível amar tanto uma região e, ao mesmo tempo, agradecer a Deus por tê-lo tirado de lá. Hall era filho de um criador de ovelhas em Idyllwild, e o odor dessas aldeias (lã molhada coberta de uma porção generosa de esterco) era tão intenso em sua memória que ele conseguia sentir o cheiro mesmo agora, apesar de a aldeia mais próxima estar no lado oeste das Colinas da Fronteira, a vários quilômetros de distância e bem longe da sua vista.

O acaso tirou Hall de Idyllwild; não um bom acaso, mas do tipo súbito que dava com uma das mãos enquanto esfaqueava com a outra. Idyllwind ficava ao norte o bastante para não ter sofrido muito com a primeira invasão mort; um grupo de invasores apareceu uma noite e levou algumas ovelhas de um cercado desprotegido, mas foi só. Quando o Tratado Mort foi assinado, Idyllwild e as aldeias vizinhas deram uma festa. Hall e seu irmão gêmeo, Simon, ficaram muito bêbados e acordaram em um chiqueiro em Devin's Slope. O pai deles disse que a aldeia dera sorte de ter escapado sem grandes problemas, e Hall também achava, mas só até oito meses depois, quando o nome de Simon foi sorteado na segunda loteria pública.

Hall e Simon tinham quinze anos, já adultos nos parâmetros da fronteira, mas os pais ignoraram esse fato pelas três semanas seguintes. A mãe fez as comidas favoritas de Simon; e o pai dispensou os dois do trabalho. Perto do fim do mês, eles fizeram a viagem até Nova Londres, assim como muitas famílias desde então, com o pai chorando na parte da frente da carroça, a mãe sombria e silenciosa, e Hall e Simon se esforçando para fingir alegria no caminho.

Os pais não queriam que Hall visse a remessa partir. Eles o deixaram em um bar no Grande Bulevar, com três libras e instruções de ficar lá até eles voltarem. Mas Hall não era criança, e saiu do bar e os seguiu até o Gramado da Fortaleza. O pai desabou pouco antes de a remessa partir, deixando a mãe para tentar reavivá-lo, então, no fim, só Hall viu a remessa partir, só Hall viu Simon desaparecer da cidade e da vida deles para sempre.

A família ficou em Nova Londres naquela noite, em uma das hospedarias mais imundas que o Gut tinha a oferecer. O cheiro horrível fez Hall sair para a rua, e ele vagou pelo bairro, procurando um cavalo para roubar, determinado a seguir as jaulas pela estrada morte e tirar Simon de lá ou morrer tentando. Encontrou um cavalo amarrado do lado de fora de um dos bares e estava trabalhando no nó complicado quando sentiu a mão de alguém pousar no seu ombro.

— O que você pensa que está fazendo, caipira?

O homem era grande, mais alto que seu pai, e estava coberto de armadura e armas. Hall achou que ia morrer em breve, e parte dele ficou feliz.

— Eu preciso de um cavalo.

O homem olhou para ele com atenção.

— Conhece alguém na remessa?

— Não é da sua conta.

— Claro que é da minha conta. O cavalo é meu.

Hall puxou a faca. Era uma faca de tosar ovelhas, mas ele esperava que o estranho não fosse saber disso.

— Eu não tenho tempo para discutir com você. Preciso do cavalo.

— Guarde isso e pare de ser tolo, garoto. A remessa é protegida por oito Caden. Tenho certeza de que você ouviu falar dos Caden, mesmo no fim de mundo de onde deve ter vindo. Eles quebrariam sua faquinha com os dentes.

O homem fez menção de pegar o cabresto do cavalo, mas Hall ergueu mais a faca e bloqueou a mão dele.

— Lamento por roubar, mas é assim que tem que ser. Preciso ir.

O estranho olhou para ele por um longo momento, avaliando-o.

— Você é corajoso, garoto, não dá para negar. Você é fazendeiro?

— Pastor.

O homem o avaliou por mais um momento e disse:

— É o seguinte, garoto: eu vou *emprestar* meu cavalo para você. O nome dele é Favor, o que me parece bem apropriado. Você vai cavalgá-lo pela estrada morte e vai dar uma olhada na remessa. Se for inteligente, vai perceber que não tem como vencer, e aí vai ter duas opções. Você pode ter uma morte sem sentido e não conseguir nada. Ou pode dar meia-volta e seguir até o alojamento do exército, em Wells, para discutirmos sobre seu futuro.

— Que futuro?

— Como soldado, garoto. A não ser que queira passar o resto da vida feden-do a merda de ovelha.

Hall olhou para o homem com dúvida, se perguntando se ele estaria men-tindo.

— E se eu for embora com seu cavalo?

— Você não vai fazer isso. Você tem senso de obrigação, senão não estaria metido nessa missão suicida. Além do mais, tenho uma tropa inteira de cavalos se precisar ir atrás de você.

O estranho se virou e voltou para o bar, deixando Hall ali de pé como um poste.

— Quem é você? — gritou Hall para ele.

— Major Bermond, do Fronte Direito. Vá logo, garoto. E se alguma coisa acontecer com meu cavalo, vou me vingar na sua aldeia infeliz e adoradora de ovelhas.

Depois de uma difícil viagem noturna, Hall alcançou a remessa e descobriu que Bermond estava certo: era uma fortaleza. Soldados cercavam cada jaula, a formação pontilhada pelas capas vermelhas dos Caden. Hall não tinha espada, mas não era tolo a ponto de acreditar que uma faria a diferença. Ele nem conseguiu chegar perto o bastante para encontrar Simon; quando tentou se aproximar das jaulas, um Caden disparou uma flecha que não o acertou por menos de trinta centímetros. Foi exatamente como o major disse.

Ainda assim, ele considerou atacar a remessa e acabar de uma vez por todas com o futuro terrível que já pressentira na viagem até Nova Londres, um futuro no qual os pais olhariam para ele e só veriam que Simon não estava lá. O rosto de Hall não seria um consolo para eles, apenas um lembrete terrível. Ele apertou as rédeas, preparou-se para atacar, e uma coisa que ele jamais conseguiria explicar aconteceu: no meio da multidão de prisioneiros enjaulados, ele viu Simon. As jaulas estavam longe demais para Hall fazer qualquer coisa, mas ele viu mesmo assim: o rosto do irmão. Seu próprio rosto. Se partisse para a morte, não sobraria nada de Simon, nada que comprovasse sua existência. E Hall viu que a questão ali não era o irmão, mas sua própria culpa, sua própria dor. Egoísmo e autodes-truição, andando de mãos dadas, como costumavam fazer.

Hall deu meia-volta, cavalgou até Nova Londres e se alistou no exército tear. O major foi seu responsável, e apesar de Bermond jamais admitir, Hall acha-va que ele devia ter falado alguma coisa com alguém, porque, mesmo durante os anos de Hall como soldado, ele nunca foi designado para trabalhar com as remessas. Ele mandava parte do salário para casa todos os meses, e nas raras visitas a Idyllwild, os pais o surpreendiam sendo carrancudos, porém demons-

trando orgulho pelo filho soldado. Ele subiu rapidamente na hierarquia militar e se tornou oficial executivo do general na tenra idade de trinta e um anos. Não era um trabalho recompensador; a vida de um soldado do regente consistia em separar brigas e caçar batedores de carteira. Não havia glória. Mas isso...

— Senhor.

Hall ergueu o olhar e viu o tenente-coronel Blaser, o segundo na linha de comando. O rosto de Blaser estava manchado de fuligem.

— O que foi?

— O sinal do major Caffrey, senhor. Está tudo pronto, às suas ordens.

— Vamos esperar mais alguns minutos.

Os dois se sentaram em um ninho na encosta leste das Colinas da Fronteira. O batalhão de Hall estava lá havia várias semanas, trabalhando sem parar enquanto via uma massa escura avançar pelas planícies mort. O tamanho do exército mort atrapalhava seu progresso, mas ele veio mesmo assim, e agora o acampamento se espalhava pela margem sul do lago Karczmar, uma cidade sombria que se prolongava até metade do horizonte.

Pela luneta, Hall via só quatro sentinelas, bem afastadas umas das outras na extremidade oeste do acampamento mort. Estavam vestidas para se mesclarem com a superfície escura e arenosa das planícies salinas, mas Hall conhecia bem as margens do lago, e qualquer elemento estranho era fácil de ser identificado na luz crescente. Dois não estavam nem patrulhando; estavam cochilando. Os mort estavam tranquilos, como deveriam estar. Os relatórios de Clava diziam que o exército mort tinha mais de vinte mil soldados e que suas espadas e armaduras eram de ferro bom, com aço no fio. E por qualquer avaliação, o exército tear era fraco. Bermond tinha parte da culpa. Hall amava o velho como um pai, mas Bermond se acostumou à paz. Andava pelo Tearling como um fazendeiro inspecionando seus hectares, não como um soldado se preparando para a batalha. O exército tear não estava pronto para a guerra, mas a guerra estava chegando mesmo assim.

Hall voltou sua atenção, como fizera tantas vezes nas últimas semanas, para os canhões, parados em uma área fortificada bem no centro do acampamento mort. Até Hall tê-los visto com os próprios olhos, não acreditou na rainha, embora não duvidasse que ela tivesse tido algum tipo de visão. Mas agora, com o sol surgindo a leste, a luz se refletia nos monstros de ferro, acentuando as formas lisas e cilíndricas, e Hall sentiu uma pontada familiar de raiva nas entradas. Ele ficava tão à vontade com espadas quanto qualquer um, mas uma espada era uma arma limitada. Os mort estavam tentando alterar as regras da guerra da forma que Hall as conhecera a vida toda.

— Tudo bem — murmurou ele, guardando a luneta, sem se dar conta de que tinha falado em voz alta. — Faremos o mesmo.

Ele desceu do ninho pela escada com Blaser logo atrás, os dois pulando os últimos três metros até o chão antes de começar a subir a colina. Nas últimas doze horas, Hall dispôs estrategicamente mais de setecentos homens, arqueiros e soldados, nas encostas do lado leste. Mas, após semanas de trabalho árduo, seus homens tinham dificuldade de ficar parados esperando, principalmente quando a noite caía. Um sinal de atividade na colina deixaria os mortos em alerta, por isso Hall passou boa parte da noite indo de posto em posto, cuidando para que os soldados não fizessem besteira.

A encosta ficou mais íngreme, até Hall e Blaser serem forçados a se apoiar nas pedras com as mãos, os pés escorregando em agulhas de pinheiro. Os dois estavam usando luvas grossas de couro e subiam com cautela, pois o terreno era perigoso. As pedras eram cheias de túneis e pequenas cavernas, que cascavéis gostavam de usar como abrigo. As cascavéis da fronteira eram brutais, resultado de milênios de adaptação a um local inóspito. A pele grossa e encouraçada as deixava quase inatingíveis pelo fogo, e suas presas soltavam uma dose cuidadosamente controlada de veneno. Um passo em falso naquela encosta e sua vida estaria em perigo. Quando Hall e Simon tinham dez anos, Simon capturou uma cascavel com uma armadilha e tentou transformá-la em bicho de estimação, mas a vontade durou menos de uma semana. Por mais que Simon alimentasse bem a cobra, ela não podia ser domada e atacava tudo o que se movia. Por fim, Hall e Simon soltaram a cascavel, abrindo a jaula e saindo correndo encosta acima. Ninguém sabia por quanto tempo as cascavéis da fronteira viviam; a cobra de Simon podia até estar por ali, deslizando em meio às pedras com outros de sua espécie.

Simon.

Hall fechou os olhos, mas voltou a abri-los. Ele era inteligente e treinou sua imaginação para não se arriscar longe demais pela estrada morta, mas nas últimas semanas, com toda a parte ocidental de Mortmesne à sua frente, Hall se viu pensando no irmão gêmeo com mais frequência que o habitual: onde Simon poderia estar, quem era seu dono agora, como foi usado. Provavelmente para trabalho; Simon era um dos melhores tosadores da encosta oeste. Seria desperdício usar um homem assim para qualquer outra coisa que não fosse trabalho pesado; Hall disse isso para si mesmo repetidas vezes, mas não tinha como ter certeza. Sua mente voltava com regularidade para o pior cenário: a chance de Simon ter sido vendido para outra coisa.

— Merda.

O palavrão baixo de Blaser fez Hall voltar a si, e ele olhou para trás para ter certeza de que seu tenente não tinha sido mordido. Mas Blaser só tinha escorregado de leve, para logo recuperar o apoio. Hall continuou escalando, balançando

a cabeça para afastar os pensamentos indesejados. A remessa era um ferimento que não cicatrizou com a passagem do tempo.

Hall chegou ao alto da subida e se deparou com uma clareira, onde encontrou seus homens esperando, com expressão de ansiedade. No último mês, eles trabalharam rápido, sem nenhuma das reclamações que costumavam marcar um projeto de construção militar, e terminaram com tanta antecedência que Hall pôde testar a operação várias vezes antes de o exército mort sequer chegar às planícies. O cuidador dos falcões, Jasper, também estava esperando, as doze aves encapuzadas e empoleiradas em uma vara comprida no topo da colina. Os falcões custaram caro, mas a rainha ouviu com atenção e aprovou o gasto sem nem pestanejar.

Hall andou até uma das catapultas e colocou a mão no braço, sentindo uma pontada intensa de orgulho ao tocar na madeira lisa. Hall era apaixonado por mecanismos, por dispositivos. Procurava constantemente formas de fazer tudo de maneira mais rápida e melhor. No início da carreira, inventou um arco mais resistente e também mais flexível, que agora era o preferido dos arqueiros tear. Ao ser emprestado para trabalhar em um projeto de construção civil, ele testou e aprovou um sistema de irrigação baseado em bombas que agora levava água do rio Caddell até uma porção de terra vasta e seca ao sul da planície Almont. Mas essas eram seus maiores feitos: cinco catapultas, cada uma com dezoito metros de comprimento, com braços grossos feitos de carvalho tear e concha mais leve, de pinho. Cada catapulta podia lançar pelo menos noventa quilos, com alcance de quase quatrocentos metros a favor do vento. Os braços estavam presos à base com cordas, e de cada lado do braço havia um soldado portando um machado.

Ao espiar a concha da primeira catapulta, Hall viu quinze pacotes grandes e volumosos de lona, cada um enrolado em uma camada fina de tecido azul cor do céu. Hall planejou originalmente lançar pedras, como as catapultas de cerco de antigamente, e esmagar uma porção significativa do acampamento mort. Mas esses pacotes, que foram ideia de Blaser, eram bem melhores e valiam as várias semanas de trabalho desagradável. O pacotinho de cima se moveu de leve ao vento, e as laterais de lona ondularam. Hall recuou e levantou a mão fechada no silêncio da manhã. Os homens com machados ergueram as armas.

Blaser tinha começado a cantarolar. Ele sempre cantarolava baixinho em situações tensas: um tique irritante. Hall, ouvindo parcialmente, identificou a melodia: “A Rainha de Tearling”, as notas bem desafinadas, mas reconhecíveis mesmo assim. A música virou mania entre os homens; Hall ouviu-a mais de uma vez nas últimas semanas, enquanto eles lixavam madeira ou afiavam lâminas.

Meu presente para você, rainha Kelsea, pensou ele, e baixou a mão na direção do chão.

Machados sibilaram pelo ar, e a imobilidade da manhã foi interrompida, a colina ecoando os estalos e ruídos dos braços das catapultas percebendo que estavam livres. Um a um, os pacotes subiram, ganhando velocidade ao rumarem para o céu, e Hall sentiu seu coração inflar com uma alegria pura que nunca o deixou, uma alegria que ele sentiu mesmo quando pequeno, testando sua primeira armadilha para coelhos.

Minha criação funciona!

Os braços das catapultas chegaram ao limite e pararam com um estrondo que ecoou por toda a encosta. Isso despertaria os mort, mas já seria tarde demais.

Hall abriu a luneta e seguiu o progresso dos pacotes azuis voando na direção do acampamento mort. Chegaram ao ápice e começaram a descer, setenta e cinco no total, os paraquedas azuis se abrindo ao serem pegos pelo vento, os embrulhos de lona balançando inocuamente na brisa.

Os mort estavam se movimentando agora. Hall viu focos de atividade: soldados saindo de barracas com armas, sentinelas voltando ao acampamento, preparando-se para o ataque.

— Jasper! — gritou ele. — Dois minutos!

Jasper assentiu e começou a tirar os capuzes dos falcões, dando a cada ave um pedacinho de carne. Major Caffrey, com seu dom inexplicável de reconhecer um mercenário confiável, encontrou Jasper em uma cidade na fronteira mort três semanas antes. Hall não gostava mais dos falcões mort agora do que quando era criança, quando as aves voavam pelas encostas das colinas procurando presas fáceis, mas tinha que admirar a habilidade de Jasper com as aves. Os falcões observaram seu cuidador com atenção, as cabeças inclinadas, como cachorros esperando o dono jogar uma vareta.

Um grito de aviso veio do acampamento mort. Eles viram os paraquedas, que estavam caindo mais rápido agora que a resistência do vento tinha diminuído. Hall observou pela luneta, contando baixinho, o primeiro pacote desaparecer atrás de uma das barracas. Doze segundos depois, os primeiros gritos começaram a ecoar pela planície.

Mais paraquedas desceram no acampamento. Um caiu em uma carroça de artilharia, e Hall observou com fascinação, apesar de tudo, as cordas afrouxarem. O pacote tremeu por um momento antes de se abrir, revelando cinco cascavéis furiosas se descobrindo livres. As peles sarapintadas se dobraram e deslizaram por cima de piques e flechas, caíram da carroça e sumiram do campo de visão.

Gritos ecoaram perto da encosta, e em menos de um minuto, o acampamento virou puro caos. Soldados trombavam uns contra os outros; homens seminus enfiavam as espadas cegamente ao redor dos próprios pés. Alguns tentavam subir em lugares mais altos, em carroças e barracas, até nas costas uns dos outros. Mas

a maioria saiu correndo para as extremidades do acampamento, desesperados para se afastarem. Oficiais gritavam ordens, mas de nada adiantava; o pânico tinha se instaurado, e agora os soldados do exército mort abandonavam o acampamento por todos os lados, fugindo para o oeste na direção das Colinas da Fronteira ou para o leste e sul, pelas planícies. Alguns até correram para o norte e entraram na parte rasa do lago Karczmar. Não tinham armadura nem armas; muitos estavam nus. Vários ainda estavam com as bochechas cobertas de creme de barbear.

— Jasper! — gritou Hall. — Está na hora!

Um a um, Jasper chamou os falcões para a luva grossa de couro que cobria seu braço do polegar ao ombro e os lançou no ar. Os homens de Hall observaram os pássaros com inquietação enquanto ganhavam altitude, mas os falcões eram bem treinados; eles ignoraram completamente os soldados tear e desceram pela encosta na direção do acampamento mort. Mergulharam diretamente no êxodo de homens que saíam pelas extremidades sul e leste do acampamento, abrindo as garras ao descer, e Hall viu o primeiro retalhar o pescoço de um soldado em fuga, usando só uma calça parcialmente abotoada. O falcão arrancou a jugular do sujeito e manchou a luz da manhã com uma névoa fina de sangue.

No lado oeste do acampamento, onda após onda de soldados mort corria em desatino na direção da floresta no pé da colina. Mas cinquenta arqueiros tear estavam espalhados nas copas das árvores, e agora os mort caíam aos montes, os corpos cobertos de flechas e afundando na lama das planícies. Novos gritos vieram do lago; os homens que foram buscar abrigo lá descobriram seu erro, e agora se debatiam para chegar à margem, urrando de dor. O sorriso de Hall tinha um toque de nostalgia. Entrar no lago era um rito de passagem entre as crianças de Idyllwild, e ele ainda tinha as cicatrizes nas pernas para provar.

Aquela altura, grande parte do exército mort já tinha abandonado o acampamento. Hall lançou um olhar de lamento para os dez canhões, agora totalmente abandonados. Mas não tinham como chegar lá; para todo lado que olhava, cascavéis deslizavam entre as barracas, procurando um bom lugar para fazer seu ninho. Ele se perguntou onde o general Genot estava — se tinha fugido com seus homens, se era um entre as centenas de cadáveres empilhados no pé da encosta. Hall desenvolvera um respeito saudável por Genot, mas conhecia as limitações do homem, muitas delas também sofridas por Bermond. Genot queria que sua guerra fosse silenciosa e racional. Não abria espaço para bravatas extraordinárias nem para a incompetência esmagadora. Mas Hall sabia que qualquer exército era tomado dessas anomalias.

— Jasper! — gritou ele. — Suas aves trabalharam bem. Traga todas de volta.

Jasper deu um assvio alto e agudo e esperou, apertando as tiras que prendiam a luva de couro no antebraço. Em segundos, os falcões começaram a voltar,

circulando a colina. Jasper assoviou de forma intermitente, uma nota diferente de cada vez, e um a um, os pássaros desceram e pousaram no braço dele, onde foram recompensados com vários pedaços de carne de coelho antes de serem encapuzados e colocados de volta no poleiro.

— Mande os arqueiros baterem em retirada — ordenou Hall a Blaser. — E encontre Emmett. Peça a ele para enviar uma mensagem para o general e para a rainha.

— Que mensagem, senhor?

— Diga que ganhei tempo para nós. Vai demorar pelo menos duas semanas até os mort conseguirem se reorganizar.

Blaser partiu, e Hall se virou para olhar para a superfície do lago Karczmar, uma lâmina ofuscante de fogo vermelho no sol nascente. Essa visão, que costumava enchê-lo de anseio quando ele era criança, agora parecia um aviso terrível. Os mort estavam espalhados, era verdade, mas não por muito tempo, e se os homens de Hall perdessem a encosta, não havia nada que impedisse o exército invasor de destruir as linhas defensivas cuidadosamente organizadas de Bermond. Depois da colina ficava a planície Almont: milhares de quilômetros quadrados de terra plana com pouco espaço para manobras, as fazendas e aldeias isoladas e indefesas. Os mort tinham quatro vezes mais soldados e armas de qualidade superior, portanto, se chegassem à Almont, só havia um resultado possível: carnificina.

Ewen era carcereiro da Fortaleza havia vários anos — desde que o pai se aposentara do serviço — e, em todo esse tempo, nunca teve um prisioneiro que considerasse verdadeiramente perigoso. A maioria foi de homens que discordaram do regente, e esses costumavam entrar no calabouço famintos e maltratados demais para fazer mais do que cambalear para dentro da cela e desabar. Vários morreram aos cuidados de Ewen, apesar de o pai ter dito que não era culpa dele. Ewen não gostava de entrar e encontrar os corpos frios nos catres, mas o regente não parecia se importar. Uma noite, o próprio regente desceu a escada do calabouço arrastando uma de suas mulheres, uma moça ruiva tão linda que parecia saída dos contos de fadas do pai. Mas ela tinha uma corda ao redor do pescoço. O regente a arrastou até uma cela, xingando-a durante todo o caminho, e rosnou para Ewen:

— Nada de comida ou água! Ela não sai até eu mandar!

Ewen não gostou de ter uma prisioneira. Ela não falou nem chorou, só ficava olhando para a parede da cela. Ignorando as ordens do regente, Ewen deu comida e água para ela, sempre olhando atentamente para o relógio. Dava para perceber que a corda ao redor do pescoço estava machucando a mulher ruiva, e por fim, incapaz de suportar aquilo, ele entrou na cela e afrouxou o nó. Queria